

SER COERENTE OU NÃO SER COERENTE: EIS A COESÃO!¹

Fabício Henriques Miguez Dias

fabriciomiguez@ig.com.br

Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH) (Brasil)

RESUMO. Este artigo pretende verificar empiricamente se é possível um texto ser coerente sem que haja marcas de coesão. A hipótese apresentada neste trabalho é a de que a coesão não define a condição de coerência de um texto. Entende-se por *coesão* os mecanismos que fazem a relação entre os elementos constitutivos da materialidade lingüística. Entretanto, para haver coerência, é preciso que o interlocutor, ao ler ou ouvir um texto, ative conhecimentos prévios armazenados na memória, pois a coerência é construída no ato da situação comunicativa, a partir da materialidade lingüística e do conhecimento do mundo que ele possui.

PALAVRAS-CHAVE. coesão, coerência, texto.

ABSTRACT. This work aims at verifying if a text may be coherent without cohesion markers. We consider that cohesion is neither a necessary nor a sufficient condition for the definition of a text as coherent. Cohesion is defined as the mechanisms that guarantee the interconnection between the elements that constitute the text as a linguistic unity. Coherence, on its turn, implies the activation of knowledge previous stored on the speakers mind. In fact, coherence is built in the act of communication deriving both from the linearity of text and encyclopaedic knowledge.

KEY-WORDS. Cohesion, Coherence, Text.

1 – Introdução

Os estudos sobre *coesão* e *coerência* sempre foram importantes para colaborar com as pesquisas sobre a concepção de texto e como se realiza o processo de produção de sentido. Porém, estes conceitos nem sempre foram dissociados como acontece atualmente. Segundo Koch, Travaglia & Elias (2006: 186),

As noções de coesão e coerência foram sofrendo alterações significativas no decorrer do tempo. Inicialmente, os dois conceitos praticamente se confundiam e, por isso, os dois termos eram, muitas vezes, usados indiferentemente. Mas, à medida que se modificava a concepção de texto, eles passaram a diferenciar-se de forma decisiva.

¹ O presente artigo representa o trabalho final do seminário *Questões de Linguística do Texto e do Discurso*, do 2º semestre do ano acadêmico 2008-2009, do curso de mestrado em Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade do

Para introduzir este tema, é necessário explicar os dois termos mencionados acima. Primeiramente, será descrito o conceito de *coerência*. No capítulo 5 da *Gramática da Língua Portuguesa*, intitulado *Aspectos linguísticos da organização textual*, Inês Duarte (2003) define a *coerência textual* (que também denomina *conectividade conceptual*) como

(...) um factor de textualidade que resulta da interacção entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento de mundo. Assim, uma condição cognitiva sobre a coerência de um texto é a suposição da normalidade do(s) mundo(s) criado(s) por esse texto: um texto é coerente se os elementos/esquemas cognitivos activados pelas expressões linguísticas forem conformes àquilo que sabemos ser: (i) a estrutura das situações descritas; (ii) as relações lógicas entre situações; (iii) as propriedades características dos objectos de um mundo <<normal>>. (Duarte, 2003: 115)

Koch, Travaglia & Elias (2006: 189), baseando-se em Charolles (1983), dizem que a coerência é um princípio de interpretabilidade. Segundo estes autores, “sempre que for possível aos interlocutores construir um sentido para o texto, este será, para eles, nessa situação de interação, um texto coerente”. Eles acrescentam ainda que

assumindo como pressuposto que o texto é coerente, o leitor busca interpretá-lo, produzir sentido, em uma verdadeira atitude de cooperação. Com base em conhecimentos que possui, cabe-lhe a tarefa de estabelecer elos coesivos que não foram explicitados entre as idéias do texto – e, quanto mais informações tiver, mais terá a possibilidade de fazê-lo. A coerência, portanto, não está apenas no texto, nem tampouco apenas no autor ou nos leitores, mas na interação autor-texto-leitor. (Koch, Travaglia & Elias, 2006:194)

Sobre a *coesão*, Duarte (2003: 89) afirma que “todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual podem ser encarados como instrumentos de coesão”.

Esta posição já tinha sido evidenciada por Koch (1990: 47), que diz que “por *coesão* se entende a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual.” Entretanto, Koch (1990: 47) acrescenta uma característica a esta estratégia. Segundo a autora, “a coesão é sintática e gramatical, mas também semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto (...)”²

Sobre a relação entre coesão e coerência, Koch (1990), citando Charolles (1983), esclarece que

os elementos lingüísticos da coesão não são nem necessários, nem suficientes para que a coerência seja estabelecida. Haverá sempre necessidade de recurso a conhecimentos exteriores ao texto (conhecimento de mundo, dos interlocutores, da situação, de normas sociais, etc.). (Koch, 1990: 49-50)

Baseando-se nesta afirmação, este trabalho defenderá a tese de que é possível haver textos coerentes mesmo sem elementos coesivos ou havendo poucas marcas de coesão.

2 – TIPOS DE COERÊNCIA

Koch, Travaglia & Elias (2006), mencionando Van Dijk & Kintsch (1983), citam seis tipos de coerência: *sintática*, *semântica*, *temática*, *pragmática*, *estilística* e *genérica*. Dentre todos, cabe tomar como estratégia de análise neste trabalho somente os dois primeiros. De acordo com Koch, Travaglia & Elias (2006: 194-195), a *coerência sintática*

está relacionada ao conhecimento lingüístico dos usuários, isto é, diz respeito ao uso adequado das estruturas lingüísticas (em termos de ordem dos elementos, seleção lexical etc.), bem como dos recursos coesivos que facilitam a construção da coerência semântica, como pronomes, sintagmas nominais referenciais definidos e indefinidos, conectores etc.

Segundo ela, existe também a *incoerência sintática*. Para Koch, Travaglia & Elias (2006: 195-196), este tipo de fato “decorre, entre outras causas, de estruturas sintacticamente ambíguas, uso inadequado de conectores e de pronomes anafóricos”.

Sobre a *coerência semântica*, afirmam que

refere-se às relações de sentido entre as estruturas – palavras ou expressões presentes no texto. Uma exigência para que exista coerência semântica é o **princípio da não-contradição**, ou seja, para que um texto seja semanticamente coerente, não deve conter contradição de quaisquer conteúdos, postos ou pressupostos. (Koch, Travaglia & Elias, 2006: 195).

A partir destes dois tipos de coerência, será feita a análise dos textos abaixo, procurando demonstrar que a coesão não define necessariamente a coerência.

3 – ANÁLISE DOS TEXTOS

TEXTO 1



Fonte: http://mariquinhamaricota.blogspot.com/2008_11_01_archive.html. Acessado em 04 jul. 2009.

² O sublinhado é meu.

A charge acima mostra um diálogo entre um funcionário do governo brasileiro e o presidente Lula, ironizando os resultados do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), modelo de desenvolvimento económico-social implantado em 2003. Sabendo-se que uma das metas do PAC é promover o crescimento da economia do Brasil, o leitor esperaria que os resultados fossem “o aumento das exportações”, “a diminuição dos impostos”, etc. Entretanto, houve uma quebra na leitura do quadrinho, contrariando uma expectativa positiva sobre o Programa. Isso ocasionou uma (pseudo-)incoerência semântica, pois apenas foram comentados “sectores” negativos do PAC, como “Reclamações, 14%”, “Lamúrias, 22%”, “Choramingos, 19%”, “Críticas...”. Além disso, o texto do terceiro balão é composto só por nomes seguidos das percentagens correspondentes. Não há elementos coesivos estabelecendo a relação entre os substantivos, pois eles estão apenas justapostos. Mesmo dessa forma, entende-se que eles compõem a lista dos novos números do PAC, divulgada pelo funcionário ao presidente, porém com informações não esperadas por Lula.

TEXTO 2



Fonte: <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2007/12/407212.shtml>. Acessado em 04 jul. 2009.

A charge em questão relata o confronto violento que ocorre há muito tempo no Oriente Médio, notadamente entre Israel e a Faixa de Gaza. Observa-se que, no primeiro balão, existem algumas expressões nominais, como “Energia e combustíveis cortados...”, “Comida e remédios escassos...”, “Espaço aéreo vigiado...” e “Fronteiras fechadas...”. Se tomarmos como base a coerência sintática, verifica-se que não há elos de coesão, como conectores, entre as expressões, pois elas estão apenas justapostas. Entretanto, o texto é perfeitamente coerente se relacionarmos estas expressões com o título ou, se preferir, com a legenda da charge. Se as expressões mencionadas acima fossem colocadas sem

qualquer contexto, ou seja, se a oração “Israel impõe punições coletivas sobre Gaza...” não estivesse presente na charge, possivelmente o leitor teria de se esforçar para produzir sentido para o texto, pois não haveria indícios para esta interpretação.

Outro fator que comprova esta hipótese é a presença do jornal com o título “Crimes de Israel em Gaza”, indicando que todas as expressões ditas pelo primeiro interlocutor foram retiradas do noticiário impresso que ele estava lendo. Após esta ação, ele questiona qual será a próxima intervenção, através da oração “O que vem a seguir?!”. Como consequência da situação, o segundo interlocutor, baseando-se no que o primeiro disse, sugere que Israel poderia punir Gaza com “Câmaras de gás”. Pelo conhecimento de mundo, sabe-se que as câmaras de gás são um método letal e geralmente utilizado para executar pessoas condenadas à morte. De acordo com o contexto apresentado, o segundo interlocutor quer dizer que não há mais nada a fazer porque Israel já puniu Gaza de uma forma que impede qualquer pessoa de viver, pois as restrições ameaçam a privacidade dos cidadãos e interferem na sobrevivência deles. Assim, possivelmente, a morte seria o próximo passo para eles.

Uma questão interessante é a elipse verbal presente. Pela situação comunicativa, sabe-se que foram omitidos algumas formas verbais. Se não houvesse a elipse, o texto das expressões do primeiro balão ficaria, entre outras formas, da seguinte maneira: “Energia e combustíveis *foram* cortados...”, “Comida e remédios *estão* escassos...”, “Espaço aéreo *está sendo* vigiado...” e “Fronteiras *foram* fechadas...”. No contexto, acentua-se o resultado da situação enunciada, mais do que o processo propriamente dito.

TEXTO 3

MUNDO MODERNO

Silvio Amarante

Mundo moderno, marco malévolo, mesclando mentiras, modificando maneiras, mascarando maracutaías, majestoso manicômio. Meu monólogo mostra mentiras, mazelas, misérias, massacres, miscigenação, morticínio – maior maldade mundial.

Madrugada, matuto magro, macrocéfalo, mastiga média morna. Monta matumbo malhado munindo machado, martelo, mochila murcha. Margeia mata maior. Manhãzinha, move moinho, moendo macaxeira, mandioca. Meio-dia, mata marreco, manjar melhorzinho. Meia-noite, mima mulherzinha mimosa, Maria morena, momento maravilha, motivação mútua, mas monocórdia mesmice. Muitos migram, macilentos, maltrapilhos. Morarão modestamente, malocas metropolitanas, mocambos miseráveis. Menos moral, menos mantimentos, mais menosprezo. Metade morre.

Mundo maligno, misturando mendigos maltratados, menores metralhados, militares

mandões, meretrizes, marafonas, mocinhas, meras meninas, mariposas mortificando-se moralmente. Modestas moças maculadas, mercenárias mulheres marcadas.

Mundo medíocre. Milionários montam mansões magníficas: melhor mármore, mobília mirabolante, máxima megalomania, mordomo, Mercedes, motorista, mãos... Magnatas manobrando milhões, mas maioria morre minguando. Moradia meiágua, menos, marquise.

Mundo maluco, máquina mortífera. Mundo moderno, melhore. Melhore mais, melhore muito, melhore mesmo. Merecemos. Maldito mundo moderno, mundinho merda.

O texto acima é um poema aliterado do escritor cearense Silvio Amarante, composto apenas por palavras iniciadas pela letra “m”, cuja representação se faz por uma pessoa, como o próprio autor indica através do sintagma nominal “Meu monólogo”. À primeira vista, parece ser um texto desconexo, um “monte” de palavras colocadas lado a lado, mas logo se vê que este grande quebra-cabeça faz sentido.

Sobre este exemplo de texto, Koch, Travaglia & Elias (2006: 191) comentam que os elementos coesivos são importantes para estruturar um texto e que há dois movimentos essenciais para isso: a retrospecção e a prospecção. Entretanto, enfatizam que a construção da coerência não depende apenas da materialidade lingüística, mas também do contexto relacionado ao texto. Por isso conclui que “a ausência de elementos coesivos não é, necessariamente, um obstáculo para essa construção.” Os autores citam que um dos exemplos desse tipo é o encadeamento por justaposição, além de “textos sem marcas coesivas (...)”, pois “cabe a nós, leitores, a produção de sentidos, com base em nossos conhecimentos sociocognitivo-interacionais, para o estabelecimento dos elos não constituídos explicitamente” (2006: 191).

O texto 3 está dividido em cinco blocos. O primeiro parágrafo sintetiza, na visão do autor, a imagem do mundo nos tempos atuais, cheio de problemas, como “misérias” e “massacres”. Depois, o autor narra a rotina de um homem comum, de uma vida simples, porém sofrida e sem grandes novidades. Silvio Amarante descreve o dia-a-dia dessa família que se vê sempre diante das mesmas ações e revela que uma das opções para fugir dessa rotina é o êxodo, porém vivendo em péssimas condições de vida. Embora tenha apenas uma marca de coesão por conectores (“mas”), semanticamente o texto avança, com o auxílio dos itens lexicais “manhãzinha”, “meio-dia” e “meia-noite”, que estabelecem uma relação temporal no texto.

No terceiro bloco, iniciado pelo sintagma nominal “mundo maligno”, observa-se que o tema abordado é o estrato social da população. Percebe-se que são relatados problemas da sociedade contemporânea, como a miséria (“mendigos” e “menores”), a prostituição (“meras meninas”, “mariposas mortificando-se moralmente” etc.) e o abuso de autoridade pela polícia sobre a sociedade civil (“militares mandões”).

O penúltimo parágrafo retrata como vivem os “milionários” e “magnatas”. Os itens lexicais “mansões”, “mordomo”, “mármore”, “Mercedes” colaboram para essa interpretação, pois só pessoas ricas têm condição de possuir estes elementos. Novamente o operador “mas” é colocado no texto para contrapor elementos pertencentes à classe rica e à classe pobre. Por se tratar desse tipo de relação, o autor qualifica este “mundo” como “mediocre”.

Por fim, conclui que esse “mundo”, da forma como é concebido, é “maluco”, uma “máquina mortífera”. Numa atitude de súplica, Amarante pede que esse “mundo” progrida, “melhore”, mas de uma forma grandiosa (“mais”, “mesmo”, “muito”). E finaliza o texto emitindo um juízo de valor sobre o “mundo moderno”, qualificando-o como “maldito”, dizendo que ele é um “mundinho merda”.

Percebe-se, então, que, mesmo com apenas dois elos coesivos (“mas” no segundo e quarto parágrafos), o texto “Mundo moderno” é facilmente interpretado, sem prejuízo no processo de produção de sentido, pois cada item lexical colabora para a progressão textual, seja espacial ou temporalmente. O tópico do texto não foi desconsiderado, porque no início de cada parágrafo o autor retoma o título, seja integralmente (“mundo moderno – primeiro parágrafo), seja parcialmente (“mundo maligno”, “mundo mediocre” e “mundo maluco” – terceiro, quarto e quinto parágrafos, respectivamente). A exceção foi o segundo parágrafo, iniciado pelo nome “madrugada”, indicando o início de mais um dia na vida daquele matuto.

4 – Conclusões

Pode-se dizer que, mesmo sem elementos coesivos ou havendo poucas marcas de coesão, produziu-se sentido para os textos aqui analisados. Esta conclusão confirma a afirmação de Koch, Travaglia & Elias (2006) sobre a separação das noções de coesão e coerência, em que ela diz que

O primeiro passo foi constatar que **a coesão não é condição necessária nem suficiente da coerência**: as marcas de coesão encontram-se no texto (“tecem o tecido do texto”), enquanto a coerência não se encontra **no** texto, mas constrói-se a partir dele, em dada situação comunicativa, com base em uma série de fatores de ordem semântica, cognitiva, pragmática e interacional.” (Koch, Travaglia & Elias, 2006: 186)

Este trabalho teve a intenção de verificar se um texto pode ser coerente sem necessariamente haver elos de coesão. Apesar de ser um tema bastante abrangente, que merece uma análise mais pormenorizada, o objetivo proposto inicialmente foi alcançado.

REFERÊNCIAS

- Charolles, M. 1983. Coherence as a principle in the interpretation of discourse. *Text*. **3 (1)**, 71-97.
- Dijk, T. V.; Kintsch, W. 1983. *Strategies of discourse comprehension*. Nova Iorque: Academic Press.
- Duarte, I. 2003. Aspectos linguísticos da organização textual. In: M. H. Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 85-123.
- Koch, I. G. V.; Travaglia, L. C. 1990. *Coerência textual*. São Paulo: Contexto.
- Koch, I. G. V.; Travaglia, L. C.; Elias, V. M. 2006. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.

<http://letrasdespidas.wordpress.com/2008/03/17/mundo-moderno-chico-anysio>. Acessado em 04 jul. 2009

http://mariquinhamaricota.blogspot.com/2008_11_01_archive.html. Acessado em 04 jul. 2009.

<http://www.midiaindependente.org/eo/red/2007/12/407212.shtml>. Acessado em 04 jul. 2009.

<http://www.pucrs.br/gpt/fragmentadas.php>. Acessado em 04 jul. 2009.